



Instituto
Vera Cruz



REFLEXÕES

uma publicação PIBID no Instituto Vera Cruz



Apresentação



Em março de 2014, começaram as atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid, da Capes, no Instituto Vera Cruz. A especificidade do Pibid em nossa instituição foi a de abordar as práticas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil.

Desde então, um grupo de vinte bolsistas licenciandas e licenciandos, sob a supervisão de professoras/es de Educação Infantil das instituições parceiras e da coordenação institucional do programa, vem participando de diferentes atividades formativas que visam ao seu desenvolvimento profissional como futuras professoras e futuros professores de Educação Infantil.

Já se vão quase dois anos de intenso trabalho para todos nós!

Esta publicação objetiva compartilhar com a comunidade um pouco das muitas experiências de formação vividas por nós no âmbito do Pibid. Buscamos, nesta revista, relatar situações didáticas das quais participamos, observações de crianças em diferentes espaços e tempos no CEI e EMEI parceiros e algumas reflexões que decorreram dessas vivências.

Desde já, queremos agradecer às nossas instituições parceiras, o CEI Jamir Dagir e a EMEI Noêmia Ippólito, por desde o início nos abrir as portas para essa experiência de formação e, por meio de nossos professores supervisores, compartilhar processos formativos que envolvem a todos nós.

Agradecemos a Capes, por meio do Programa Institucional de bolsa de Iniciação à Docência - Pibid, pela oportunidade de formação e pelo apoio financeiro necessário para que esse trabalho pudesse acontecer.

Por fim, mas não menos importante, nossos agradecimentos ao Instituto Vera Cruz, em especial à Profa. Lucília Bechara, por nos apoiar na realização desta publicação.

Boa leitura!

Equipe de edição da revista

© INSTITUTO VERA CRUZ 2015

REFLEXÕES – uma publicação PIBID no Instituto Vera Cruz

Equipe editorial:

Bárbara Pádua Avena

Cátiusca Borges da Silva

Erica de Oliveira Pontes

Manoela Ferreira Leite Ribeiro de Lima

Marisa Vasconcelos Ferreira

Colaboraram com esta edição:

Adriana Garcia, Alehandra Machado Pinel, Bárbara Pádua Avena, Cátiusca Borges da Silva, Erica Oliveira, Evely Santos, Gislaine Koga, Greta Fragata, Juliana F. Gonçalves, Laura Lisboa, Letícia Batista, Manoela Ferreira Leite, Maria Janieire Maia Quintino, Marina Stefanelli, Marisa Vasconcelos Ferreira, Mirian Silva, Paula Brito, Rafaella Lizot, Thainná Isys Santana.



OUTUBRO | 2015



Algumas palavras sobre a Educação Infantil hoje

Por Marisa Vasconcelos Ferreira



A Educação Infantil vive contemporaneamente grandes desafios. Estes constituem nossas tarefas docentes, seja no espaço das unidades de Educação Básica, seja no Ensino Superior.

O primeiro desafio da Educação infantil é o do acesso. No Brasil, ainda é preciso expandir o atendimento em creches e pré-escolas em porcentagem significativa, a fim de atender ao direito de bebês e crianças pequenas (0 a 5 anos e 11 meses) de vivenciarem a primeira etapa da Educação Básica em creches e pré-escolas públicas e ao direito de suas famílias de compartilhar com as instituições educativas essa educação. A rede municipal de São Paulo vive essa realidade, o que coloca todos os profissionais envolvidos nessa tarefa frente à responsabilidade do atendimento junto às crianças e suas famílias.

Decorre daí o nosso segundo grande desafio, o de construir e consolidar práticas pedagógicas de boa qualidade no que se refere ao atendimento de bebês e crianças em espaços coletivos de educação.

Isso porque a história da educação infantil, se de um lado configura contribuições significativas de elaborações pedagógicas por educadores que se dedicaram a pensar a educação das crianças nos seus primeiros anos de vida em espaços coletivos, de outro, nos coloca frente ao permanente desafio de superar resquícios, ainda presentes nas práticas pedagógicas, de determinados modelos de atendimento restrito aos cuidados do corpo, à higiene e à disciplina moral; ou de viés propedêutico, que centrava os objetivos na preparação da criança para o ensino fundamental, ou ainda, numa perspectiva etnocêntrica, de compensação cultural ou sociocognitiva.

É certo que não se pode (de forma alguma!) generalizar essa condição de frágil qualidade para todas as unidades de Educação Infantil, já que convivem com esses cenários boas experiências

que têm sido observadas em creches e pré-escolas das redes de ensino, dedicadas a constituir experiências democráticas e enriquecidas de aprendizagem junto a bebês e crianças.

Do lugar de um Instituto Superior de Educação, necessariamente, esses desafios nos colocam a preocupação de refletir sobre a formação de seus licenciandos que atuarão como professores das redes de ensino pública e privada e a tarefa de construir caminhos de formação docente que possam contribuir com a qualidade da Educação Infantil.

Para tanto, o Pibid centra os esforços de formação no necessário e legítimo diálogo com as unidades educacionais, por meio da interação efetiva de supervisores e licenciandos, coordenados pela instituição de ensino superior. Essa triangulação sugere possibilidades formativas mais enriquecidas pela própria parceria em que cada um dos participantes, do lugar de seu saber experiencial, contribui com a construção do conhecimento.

A qualidade da educação se concretiza de diferentes maneiras no currículo de creches e pré-escolas, fazendo jus à autonomia e à criatividade das equipes pedagógicas e, mais ampliadamente, da comunidade que constitui aquela unidade educacional. Há, portanto, uma diversidade de formas de organizar os ambientes de aprendizagem em creches e pré-escolas, dando margem a uma riqueza de práticas que buscam garantir às crianças experiências de aprendizagem diversas, que garantam a bebês e crianças “acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças” (Resolução CNE/CEB nº 05/09).

Para tanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil ainda apontam que nessa tarefa:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Resolução CNE/CEB nº 05/09).

É com esse olhar, que foca as crianças na interação com seus pares e com os adultos, no espaço coletivo das creches e pré-escolas, e tendo as práticas socioculturais como o grande lugar de repertório de conhecimentos de diferentes naturezas, que buscamos constituir formas de sentir,

pensar e agir na Educação Infantil conectadas com os desejos contemporâneos de uma Educação de qualidade democrática.

Os pequenos relatos que se seguirão decorrem de observações e reflexões vividas pelos bolsistas-licenciandos no percurso de suas atividades do Pibid. Como eixo de articulação desses relatos, fomos buscando conversar com as experiências de aprendizagem que as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apontam como tarefa de creches e pré-escolas brasileiras, em seu artigo 9º (ver contracapa desta publicação). Neste, destaca-se uma série de experiências de aprendizagem que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da educação Infantil devem promover, junto aos bebês e crianças, e que têm como eixos norteadores as **interações** e a **brincadeira**.

Esse é, então, o currículo que queremos e que temos o dever de constituir!

Na Educação Infantil, no CEI e na EMEI, as brincadeiras constituem espaços importantes para experiências de aprendizagem significativas e envolventes para bebês e crianças.

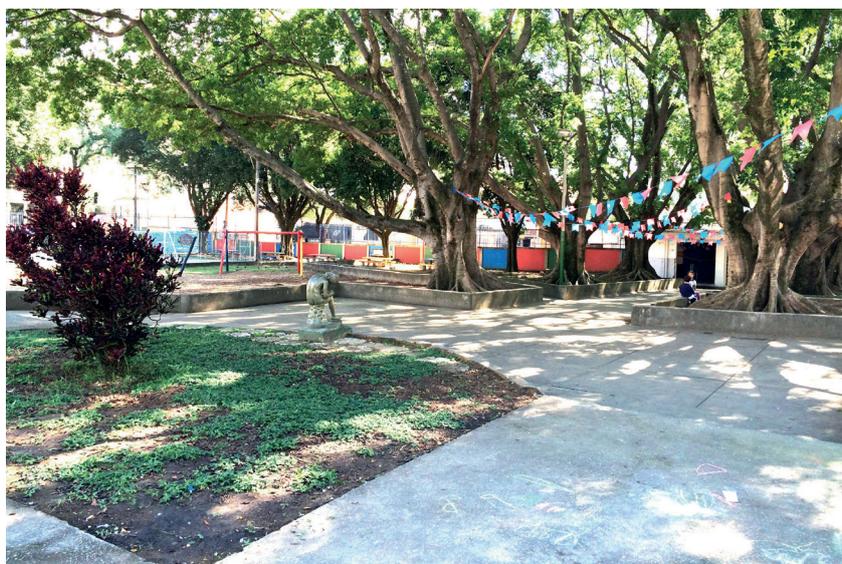
A arte do brincar livre!

Por Bárbara Pádua Avena

Que brincar é divertido todo mundo sabe, mas a real importância dessa atividade, será que também se sabe?

Quando a criança brinca, muitas coisas vão se desenvolvendo nas dimensões motora, afetiva, cognitiva e social. Ela se expressa, se envolve, imagina, interage com a brincadeira e com os amigos, entende o mundo a partir de suas experiências e passa a dar significados àquilo que vivencia. Desenvolve habilidades e descobre coisas por si só e em parceria com adultos e crianças.

Propor um espaço para a brincadeira é fundamental para que tudo isso tenha sentido. Na EMEI Noêmia Ippólito, as crianças têm à disposição um quintal enorme dividido em diversos espaços, como pista de motoca, cama elástica, quadra poliesportiva e dois grandes parques equipados com brinquedões de madeira e muita areia. Cada sala tem um balde enorme de potinhos, peneiras e pazinhas exclusivas para brincar nesses espaços.



Todos os dias as crianças aproveitam os espaços por cerca de duas horas, uma para alguma atividade de brincadeira dirigida externa e outra para brincar livremente pelos parques. Em uma de minhas idas à EMEI, acompanhei as crianças se espalharem por um dos parques, uma turma de 25 crianças com idades entre 4 e 5 anos, divididas entre os brinquedos. Chamou-me a atenção

que, além de tudo o que já estava disposto para as crianças, a professora trouxe um copinho com giz de lousa coloridos para desenharem no chão e muitos se entretiveram nessa brincadeira.

Algumas meninas estavam brincando de fazer bolo e, de forma muito interessante, cobriam o bolo com lascas de árvore e diziam que era a cobertura, hora de raspas de chocolate, hora de canela. Outra menina pegou uma peneira e começou a esfregar o giz para que os pozinhos caíssem sobre o bolo em forma de cobertura.

Está na Diretriz Curricular!

*As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como **eixos norteadores as interações e a brincadeira**, garantindo experiências que promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.*

Enquanto observava tudo isso acontecendo, lembrei-me dos estudos de Vigotski e Wallon ao discutirem o jogo simbólico e destacarem a capacidade de representação das crianças nessa faixa etária, por meio da qual a criança é capaz de reproduzir e criar enredos de brincadeira de faz de conta, a partir de cenas e acontecimentos vividos, ampliando cada vez mais a sua imaginação.



A construção de um bolo pode parecer simples para os adultos que acompanham as crianças, mas, para uma criança que o prepara, envolver-se nessa criação significa construir todo um processo de significação, imaginar uma estrutura, um enredo e criar tudo com suas próprias mãos, inclusive o próprio bolo e suas coberturas. O tempo que as crianças ficam envolvidas e suas expressões de alegria denotam uma verdadeira experiência de satisfação e de autonomia e de muito aprendizado!

Embarque nesse trem!

Por Catusca Borges da Silva



Eu estava acostumada a ver as crianças da EMEI brincando de corrida ou, simplesmente, percorrendo a pista com os triciclos, mas aí, nesse dia, algo de novo aconteceu. Um grupo pequeno de três meninos pegou uma corda e amarrou um triciclo no outro. Conforme percorriam pela pista, um menino que estava no pula-pula gritou: **olha o trem!** Logo outro grupo pegou uma corda, levou-a até mim e pediu que eu amarrasse outro triciclo no final do trem. O

interessante foi que a vontade de imitar não era apenas para fazer o mesmo, e sim participar, já que me pediram para aumentar o trem e não fazer outro. Amarrei todas as cordas disponíveis porque havia muitos triciclos e poucas cordas. Eles não disputaram o “brinquedo novo”, a cada volta, novos passageiros embarcavam na aventura e revezavam a posição do maquinista.

É festaaaa!!!

Por Catusca Borges da Silva

Foi esse o grito que o garotinho soltou ao passar pelo túnel e adentrar a sala. Um TNT azul fazia a divisão dos espaços; no chão, uma fita branca delimitava os cantos e, sobre a mesa, diversas panelinhas, um fogão, talheres e também uma geladeira encostada na parede. Tudo de brinquedo! Em outro cantinho da sala, um colchonete com alguns ursinhos, do outro lado, diversos carrinhos de ferro dos



mais variados modelos. Tudo isso só poderia ser uma festa mesmo! Ainda mais com aquele jacaré enorme no meio da sala para até três crianças se balançarem! A diversão ficou garantida. Teve faz de conta com muita comidinha preparada naquela mesa. O som ficou por conta do menino que agarrou uma guitarrinha e me perguntou: **quer ouvir uma música?** Após minha afirmação, ele cantou: *“boboletinha, tá na cozinha, fazendo chocolate... adoleta!”*. O colchonete cheio de ursos causou sonolência, dois deles deitaram-se ao lado dos bonecos e ninaram. A festa ficou garantida até o horário da saída.

Brincar para quê?

Por Erika Oliveira

O brincar é um importante elemento dentro da Educação Infantil, pois constitui grandes cenários de ricas aprendizagens para as crianças, que começam a descobrir o mundo. E é por meio da brincadeira que elas conseguem vivenciar, experimentar e realizar os seus desejos. Sabemos que um dos pilares que estrutura o currículo de uma instituição de educação infantil é o brincar, e ao considerar essa atividade como importante para o desenvolvimento da criança que nós, professores, conseguiremos enriquecer esse momento de grandes aprendizagens.

Para finalizar o dia de atividades do Minigrupo IIB, no CEI Jamir Dagir, enquanto os pais vão chegando para buscar os filhos, a professora dispõe, sobre o chão da sala, uma caixa com vários tipos de brinquedos estruturados, ou seja, que têm uma função e um significado pré-definidos, como jogos de cozinha, bonecas, carrinhos, animais em miniatura, ursinhos de pelúcia e outros.

Nesse momento, ficava olhando distante, cuidadosamente, para não interferir muito nas brincadeiras que ocorriam de diversas maneiras entre as crianças. Com o passar do tempo, umas das crianças, Isabela (3 anos), se aproximou, trazendo em suas mãos uma boneca e uma garrafa, que ela dizia ser uma mamadeira. Aos poucos ela ia me colocando em sua brincadeira, fazendo perguntas como: **“Você já fez o leite?”** **“Já colocou o chocolate?”** Dessa forma, eu me dispunha a entrar no jogo simbólico de Isabela.

A situação imaginária em si já contém regras de comportamento, apesar de não ser uma brincadeira que requeira regras desenvolvidas, formuladas com antecedência. A criança imaginou-se mãe e fez da boneca o seu bebê. Ela deve comportar-se se submetendo às regras do comportamento materno (VIGOTSKI, 2008, p. 05).

Alguns materiais, como canetas, lápis, borrachas e folhas de sulfite estavam em cima da mesa, onde eu estava sentada observando. Isabela, então, começou a incluir em seu jogo simbólico os materiais escolares. Aos poucos, Isabela abandonava os brinquedos para desenhar, já que tinha a sua disposição os materiais.



Entretanto, antes que ela começasse a fazer os desenhos, e ainda com a boneca na mão, chegou Gustavo (3 anos) dizendo, “Eu posso ser o pai?” Isabela responde, “Pode! Faz a mamadeira”. No desenvolver do jogo simbólico, Gustavo chamou Isabela de “amor”, Isabela timidamente disse “Eu não sou a mãe da boneca!”, Gustavo ficou sem graça, mas o jogo simbólico continuou.

Ao trazer para a brincadeira, por meio dos significados dados aos brinquedos e ações do outro, as crianças constroem suas interpretações para os conteúdos da cultura e das próprias vivências e experiências.

A demonstração dessas influências pode ser percebida no momento em que Isabela perguntou se eu já havia feito o leite e se já tinha colocado o chocolate. Provavelmente ela já viveu ou presenciou cenas pelas quais alguém fazia um leite com chocolate, o que está ligado essencialmente com a cultura na qual Isabela está inserida.

Nos jogos simbólicos também vemos a presença de regras sociais que as crianças trazem para as brincadeiras. Essas regras dizem respeito ao convívio social (papéis, comportamentos, características e outras). Uma das regras de jogo simbólico de Isabela e Gustavo emergiu no momento em que Gustavo chamou Isabela de “amor”, incorporando para si o papel do pai de família. Entretanto, Isabela se opôs a Gustavo e disse “eu não sou a mãe da boneca”.

O jogo simbólico entre Isabela e Gustavo aconteceu por um bom tempo, e foi rico em aprendizagem para as crianças. Para Vigotski (2008, p. 02), “a brincadeira não é a forma predominante de atividade, mas é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar”. Dessa forma, o educador tem o papel de agregar, acrescentar, incorporar e enriquecer a brincadeira das crianças, trazendo novos recursos e elementos que possam possibilitar seu desenvolvimento e consequentemente progresso.

Pensar sobre a presença do desenho nas instituições de Educação Infantil nos leva a refletir sobre as concepções acerca dessas produções pela criança. Tem sido dominante valorizar apenas o resultado da ação de desenhar, mas será que o que importa é só o produto mesmo? Em que processos se envolvem as crianças na atividade de desenhar? Essa foi uma reflexão importante no grupo de bolsistas e que acabou gerando uma série de atividades e de observações.

Encontro ampliado de bolsistas no Instituto Vera Cruz

Por Erica Oliveira e Evely Santos

Congregando bolsistas licenciandos, supervisores e coordenadora institucional, além dos diretores e coordenadores pedagógicos das instituições parceiras, foi realizada uma oficina sobre **Garatujas - os desenhos e as crianças**, no sábado, 20 de setembro de 2014, ministrada pela professora Silvana Augusto, que teve como foco uma sensibilização do olhar dos bolsistas em relação aos percursos de produção gráfica das crianças, inclusive as muito pequenas, no espaço das instituições de Educação Infantil. A oficina propiciou não apenas uma formação para os alunos que estão iniciando a docência, mas também propôs que supervisores e licenciandos planejassem juntos atividades que abarcassem essa vivência do desenho junto às crianças.



Muitas dessas atividades planejadas foram desenvolvidas no CEI e na EMEI e, aos poucos, estão sendo publicadas pelos bolsistas em seus trabalhos.

A oficina contribuiu com os bolsistas para a constituição de uma visão mais ampla sobre o desenho, além da valorização da criação da criança dentro de suas possibilidades. O desenhar está ligado ao movimento, ao pensamento, ao olhar, à própria atividade social e o que muito interessa em uma garatuja é o percurso que é construído pelas crianças.

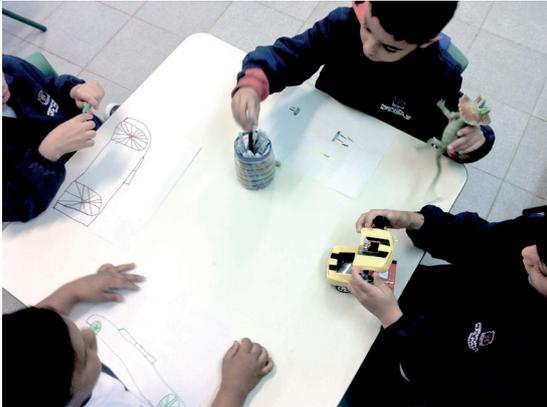
Para finalizar a reunião, foram distribuídos diversos materiais que valorizam o percurso de produção das garatujas pelas crianças. Supervisores e licenciandos também foram convidados a produzir vários desenhos explorando os materiais disponibilizados pela coordenadora da oficina. O resultado dessa experiência foi que para cada material emergiram várias possibilidades de criação. Alguns foram mais explorados que outros, constatação essa que nos leva a pensar sobre o papel do professor nessa mediação. Cabe ao professor escolher os materiais que serão mais apropriados e mais bem explorados pelas crianças, diversificando-os e ampliando os recursos nessa produção, valorizando toda a criação construída no percurso de cada desenho ou garatuja.



Dia do brinquedo

Por Manoela Ferreira Leite Ribeiro de Lima

Sempre, às sextas-feiras, é o dia do brinquedo. Naquela sexta, um grupo de meninos ficou brincando com um carrinho que um deles levou. Em vez de brincarem pelo chão, eles preferiram desenhar cada um o seu carro. Tomando para si o objeto observado, o carro, a cada momento, estava na mão de um. Reparei que o menino do canto superior direito estava usando as mesmas cores do carro, reproduzindo a figura tal qual a realidade.



É quase febre entre eles desenhar carros. Cada um ao seu estilo, sempre observando para conseguir traduzir aquilo que lhe for mais significativo para colocar em sua produção gráfica. Mas todos devem ter os aparatos indispensáveis que todo carro de corrida necessita. Como cita um deles: *“desenha o fole, a pate de cima tá sem o caburadó”*.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

O ato de desenhar, aqui, representa não só a ação do desenho, mas também a observação do entorno, criando novos desafios para a criança. Esse não é qualquer carrinho, é um carrinho que se transforma em outro. Como representá-lo? Dessa forma, cada um vai criar o seu carrinho a partir de sua visão do todo. Assim como aponta Mirian Celeste Martins (2007), ao apontar uma das funções do desenho, a ilustrativa, e relacioná-la à construção da memória e narrativa das crianças:

Os desenhos possuem uma função ilustrativa, a identificação de objetos, paisagens, cenas, talvez a tarefa mais comum atribuída ao desenho. Os desenhos das crianças contam muitas histórias, ou mais que isso: as fazem reviver histórias (p.273).

Descobrimos os instrumentos musicais

Por Alehandra Machado Pinel

Logo após o almoço das crianças, fizemos uma roda com eles perto do refeitório e começamos a cantar nosso repertório de cantigas e músicas regionais como cacuriás, cocos e cirandas.

Tem um cacuriá especial “Sai piaba” que as crianças gostam e sempre pedem. Todas acompanham animadas as coreografias pedidas na música, apontando partes do próprio corpo e, ao final, dando um forte abraço no colega ou na professora. A letra é assim:

*“Sai, sai, sai oh piaba,
Saia da lagoa.
Sai, sai, sai oh piaba,
Saia da lagoa.
Põe a mão na cabeça e a outra na cintura.
Dá um remelexo no corpo,
Dá um abraço no outro.”*

Depois pegamos as caixas com instrumentos musicais que o CEI disponibiliza e oferecemos para as crianças experimentarem. Tinha agogô, apitos, gaitas, tambores, sinos, caxixis, triângulos entre outros. A alegria das crianças era contagiante, todos eufóricos tocando os instrumentos, sugerindo, com seus sopros, as músicas que mais gostavam.

Danilo estava experimentando os instrumentos e olhando para seus colegas quando disse: “**Essa banda está demais**”. As expressões nos rostinhos brilharam e, a partir da fala do colega, capricharam na apresentação, como se estivessem em um grande *show*.

No CEI também se aprende a conviver. As instituições de Educação Infantil são espaços coletivos, organizados a partir de um projeto pedagógico de vivência de adultos e crianças, em que se aprende a partilhar, negociar e viver em uma pequena comunidade. Quantas situações são possibilidades para essas aprendizagens sobre si mesmo e sobre os outros!

O caso da panelinha!

Por Mirian Silva

Na turma de crianças do CEI, com aproximadamente 2 anos de idade, dentre os vários brinquedos que estavam espalhados pela sala, havia algumas panelinhas que Nicole segurou e disse que eram todas dela. Entretanto, antes de juntar esses objetos para si, Vitor, Isabely e Dudu, estavam brincando justamente com uma panelinha cada um, por algum momento eles se distraíram e, quando se deram conta, Nicole as havia pegado todas.

Não deu outra! As três crianças foram atrás da Nicole e queriam as panelinhas, Nicole colocou entre os braços e disse “é minha!”. Isabely começou a chorar e foi procurar a professora, Caio tentou puxar da mão dela, e Dudu não pensou duas vezes e deu um tapa na menina, que não largava as panelinhas.

A educadora logo correu para resolver a situação e falou para Nicole, que deveria dividir os brinquedos e pois não eram só dela. A educadora pediu para que a menina os entregasse para os amigos. Nicole hesitou, mas a professora não os pegou da sua mão, ela ficou esperando Nicole tomar uma atitude e resolver a situação. Depois de alguns minutos, Nicole entregou os brinquedos aos colegas e todos foram brincar juntos tranquilamente.

Conversas no parque

Por Gislaine Koga

Na EMEI, no horário de parque, algumas interações com as crianças me levam a perceber a forma como estes vão se apropriando dos elementos de nossa cultura e como nossas intervenções podem contribuir com suas aprendizagens.

Conversa 1:

De longe, eu observava as crianças brincando nos brinquedos do parque. Lucas veio ao meu encontro e perguntou se eu sabia o que era Sonic e se eu já tinha jogado.

— Sim, sei o que é e já joguei muito *Sonic* quando eu era criança. Por que você está perguntando isso?

— Por que eu gosto de *Sonic* e a professora disse que não sabe o que é.

Eu então respondi a Lucas:

— Lucas, eu sei por que eu tinha irmão, pode ser que ela não saiba por que ela não tem irmão, entendeu? — falei para ele olhando em seus olhos.

— Entendi. — disse Lucas voltando para a brincadeira no parque.

Conversa 2:

De longe, eu escutava uma voz me chamando.

— Gi, Gi, Gi. Olha aqui.

Olhei para os lados e percebi que a voz vinha da balança. Olhei e avistei Ana que continuava gritando meu nome.

Fui ao seu encontro e disse:

— Oi, Ana.

— Gi, agora eu sei balançar, olha. — falou Ana, radiante de felicidade.

— Que legal, Ana. Parabéns!

— Desde o dia que você me ensinou eu nunca mais esqueci. — disse ela sorrindo e balançando.

— Que legal, Ana, muito bem!

Deixei Ana e sai feliz por ela.

Acredito que ser professora vai muito mais além de uma sala de aula, com carteiras enfileiradas e alunos quietos. Ser professora, como diz Paulo Freire, é ser um ser inacabado. Ser professor é criar possibilidades para que o educando cresça como sujeito. Terminei esse dia feliz e reflexiva.

Construindo democracia na EMEI

Por Manoela Ferreira Leite Ribeiro de Lima

Na EMEI, as crianças participam de assembleias. Nesta que relatarei, em específico, a pauta era a escolha do cardápio especial e de um brinquedo novo para comemorar o dia das crianças na escola. Cada professora conduz uma votação para a escolha de quais serão os presentes definidos pela sala. Após a escolha da turma, o resultado é levado para a assembleia geral da escola, na qual terão dois representantes de cada sala para escolher pela escola o que de fato ocorrerá no dia das crianças.

Durante um certo momento, a classe ficou extremamente agitada com a notícia, eles poderiam escolher brinquedos e comidas à vontade. Cada um disse o que mais gostaria de comer, o mesmo ocorreu ara a escolha do brinquedo. Muitas foram as sugestões, como pastel, estrogonofe, sorvete, pizza, coxinha, salgadinho, churrasco com farinha, *miojo*, feijoada, espetinho, *nuggets* e carne moída.

Começou a votação. A professora determinou que cada um só poderia votar em uma opção, mas de fato isso não ocorreu e a classe unanimemente escolheu três comidas, foram elas: churrasco com farinha, espetinho e *nuggets*.

— Vocês já pensaram que churrasco com farinha e espetinho são bem parecidos? O espetinho também pode vir com farinha. — diz Tatiana.

— Prô, eu sei! Mas e se todos quiserem churrasco? — disse Isabela, que havia sugerido o espetinho.

— Vocês sabem que existe espetinho de muitos sabores, né? Tem de linguiça, carne, frango... — fala Tatiana.

— Eu quero espetinho com farinha! — grita Luidy.

Outros dois alunos, Caíque e Thiago, gritam também.

- Espetinho! Espetinho! Espetinho! — e todos começam a gritar junto.
- Então é espetinho mesmo? Podemos colocar como nossa sugestão? — sugere Tatiana.
- Sim! — todos dizem.

O caso do cardápio estava encerrado. Agora tinham que decidir qual brinquedo iria representá-los. As sugestões foram: brinquedões e *toboágua*.

Unanimemente, a escolha foi, sem qual quer confusão o *toboágua*. Agora, sobre a escolha da bebida não houve um palpite de cada um, e sim a pergunta: **O que vocês querem para beber?** A resposta geral foi: **“Coca-Cola! Coca-Cola!”**. Todos diziam pulando e gritando.

- Podemos escolher um suco, que tal? — diz Tati.
- Não!!!
- Nós podemos escolher qualquer suco, de qualquer fruta. Suco de uva, laranja, melancia. Tem um monte!

Todos adoraram e logo esqueceram a Coca-Cola e decidiram por suco de maçã. Assim, o cardápio escolhido pela sala foi espetinho com farinha e suco de maçã.

Catarina e Francisco foram os escolhidos como representantes para levar à assembleia da escola a escolha da classe, tanto para o cardápio como para os brinquedos.

A escolha da turma negociada e dialogada, a partir da opinião de cada criança, demonstra uma ação política que a professora segue construindo com sua turma. A votação é um ato democrático de livre escolha. Dessa forma, ela deixa de ser o centro para se tornar uma facilitadora. A criança constrói autonomia, podendo assim ser o protagonista de sua aprendizagem. Protagonista, pois eles puderam participar do processo de tomada de decisão. A intervenção da professora foi de

Práticas e intervenções que vão na direção das interações aqui constituídas ganham respaldo nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que dizem que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar.

facilitar as escolhas e não escolher por elas. Além disso, diante da escolha das crianças pela Coca-Cola, vale destacar a sugestão da professora em outra direção, esta mais norteada por uma construção de práticas saudáveis de consumo de sucos naturais, em vez de refrigerantes. Constrói-se, assim, uma educação participativa, em que se possibilita a construção da autonomia das crianças, o valor de suas iniciativas e opiniões, mas também de formas crítica e responsável.

Pintura da primavera

Por Leticia Batista

Como proposta para o início do ciclo da primavera, a professora Val organizou a confecção de um mural com todas as crianças para marcar essa passagem.

Preparou uma cartolina branca com alguns elementos: o sol, nuvens e algumas flores feitas de palito de sorvete e forminhas de doce aplicadas no papel.

Com pincéis e tintas nas cores verde e azul, as crianças foram convidadas a deixar suas marcas, construindo o verde fértil da grama e o azul intenso do céu da primavera.



A professora os orientou onde pintar o azul para o céu e o verde para a grama. Uma atividade direcionada por ela, mas, mesmo assim, as crianças deixaram suas mãos percorrerem todo o papel. Algumas mais entusiasmadas, outras mais quietinhas.

Ao final, a professora fez com que eles vissem o resultado e parabenizou-os por isso.

Para mim, como bolsista, foi interessante ver como as crianças interagem com diferentes propostas de pintura.

Brincando com o nome e a imagem de cada um

Por Juliana Gonçalves

Fizemos inicialmente uma roda, dando todos as mãos, para então sentarmos no chão.

A professora Tatiana começou a atividade situando as crianças sobre o que iríamos fazer, mencionou estar com fotografias de todas as crianças da turma em mãos e também os nomes delas em plaquinhas escritos em letra bastão. A brincadeira consistia em localizar um nome e encontrar a fotografia correspondente e, assim, formar um par com o nome e a fotografia, de preferência de um colega de turma.

O passo seguinte foi espalhar os nomes e as fotografias pelo chão no centro da roda. A primeira criança, ao lado da professora, inicia a brincadeira, vai engatinhando até o centro da roda e começa a análise, dá várias voltas até escolher um nome.

A professora pergunta: — De quem é o nome?

Ela responde: — Aysha.

A professora confirma: — Está certo. Agora a foto.

A criança a localiza e volta para seu lugar.

Assim seguiu a brincadeira. O que chama a atenção é a questão da aprendizagem da leitura pelo nome. As crianças começam a colocar suas hipóteses em jogo durante a brincadeira, a partir das referências que trazem do próprio nome e da convivência com as palavras escritas no dia a dia.

Por vezes, as crianças comentam “Ali! Amanda começa com A”.

Como colocado por Emilia Ferreiro, as crianças têm hipóteses sobre a escrita antes mesmo de saberem ler e

Nessa brincadeira, podemos ver relacionados vários campos de experiências de aprendizagem, articuladamente, conforme nos indica a Diretriz Curricular Nacional para a Educação Infantil. Dentre eles, é possível observar o uso da fotografia como recurso de identificação da própria criança e de seus colegas.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

escrever. Muito importante essa consciência sobre o processo de iniciação da leitura, pois dá a oportunidade para a criança aprender pelas referências que possui, pela interação com os livros e materiais expostos em sala, como a lista com o nome de todos que compõem a turma, e também por meio da leitura praticada em vários momentos do cotidiano das crianças.

Ainda nessa atividade, é interessante perceber o trabalho que relaciona o nome à imagem da criança na fotografia, o que não deixa de integrar toda a construção da identidade que está em jogo nesse momento da vida e que, em um espaço coletivo, é tão importante de ser trabalhado.

Na creche e na pré-escola também há espaço para a diversidade de culturas. A presença das diversas manifestações e práticas culturais que constituem a identidade brasileira deve fazer parte do currículo da educação de bebês e crianças. Os adultos também têm que ampliar seu repertório para poder promover situações pedagógicas ricas e livres de preconceitos.

Viva São João!

Por Alehandra Machado Pinel

A festa junina do CEI foi muito animada este ano e a criançada adorou!

A professora Regina, do berçário, levou o violão e começamos a cantoria. Os alunos da professora Val eram os mais animados, com suas fantasias de caipiras, cantando as músicas juninas entusiasmadas e dançando para valer.

REFLEXÕES

Depois foi servido um delicioso lanche típico dos “arraiás”: pipoca, bolo de fubá, sucos e cachorro-quente. A comilança foi geral!

As professoras organizaram estações de brincadeiras como bola nas latas, boca do palhaço e pescaria. As crianças se revezavam para pescar, brincadeira que fez mais sucesso entre eles.

No final, fizemos uma grande roda e, mais uma vez, cantamos e dançamos, nos despedindo de mais uma festança de São João.

No espaço do CEI também se aprende sobre as manifestações da cultura brasileira. As festividades juninas mobilizam várias cidades e estados brasileiros em torno de danças, músicas, comidas e muitas histórias que falam da história do povo brasileiro. Experiências com as práticas culturais brasileiras possibilitam que bebês e crianças construam relações de identidade e pertencimento àquela comunidade.

Saci de mosaicos

Por Catusca Borges da Silva



Na semana do folclore, as crianças conheceram as histórias das principais personagens do imaginário popular brasileiro e realizaram diversas atividades para expor no corredor e compartilhar com outras turmas.

Entre as atividades, eles produziram um Saci com mosaicos. Foi realizado o desenho em um papel paraná e disponibilizado quadradinhos de papel e cola para que fizessem a montagem. No início, achei que eles colocariam em qualquer lugar. Uma das meninas pegou o livro que a professora havia lido para eles e mostrou que, na capa, havia a imagem da personagem, então aproveitei para que eles identificassem quais cores deveríamos colocar em quais partes. A maioria se concentrou no p, na perna e no gorro. Conforme a cola secava em seus dedos, eles ficavam um pouco angustiados, mas depois que limpavam voltavam para a atividade. Após finalizarem a colagem, identificamos os olhos e a boca com cola colorida e então cortamos o desenho para secar e expor no corredor.

Tal como nos indicam as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educao Infantil, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educao Infantil devem ter como eixos norteadores as interaoes e a brincadeira, garantindo experiências que recriem, em contextos significativos para as crianças, relaoes quantitativas, medidas, formas e orientaoes espaçotemporais. Nada melhor do que misturar materiais artísticos e diferentes suportes para ir construindo com as crianças experiências que envolvem formas e medidas diversas, de maneira contextualizada às histórias que conheceram!

Sequência de atividades de desenho

Por Marina Stefanelli

A oficina que realizamos sobre as garatujas nos inspirou, a mim e  professora Cristiane, a realizar uma sequência de atividades de desenho junto  turma de crianças de 3 anos do CEI.

Essa sequência de atividades foi desenvolvida durante alguns dias. Diariamente, as crianças experimentaram desenhar com diferentes suportes e riscantes: canetinhas hidrocor sobre o papel sulfite; canetinha hidrocor e giz de cera sobre o papel com formato triangular e ainda giz de lousa sobre a lixa fina.

Alguns percursos dessa produo gráfica podem ser vistos nas sequências de imagens a seguir. Observar esses momentos na instituio de Educao Infantil nos possibilita perceber a interao das crianças com diversos suportes, seus processos de produo e expressão e a riqueza de suas garatujas.

REFLEXÕES

Rafael (3 anos)



5/11/2014



10/11/2014



12/11/2014

Gustavo (3 anos)



5/11/2014



10/11/2014

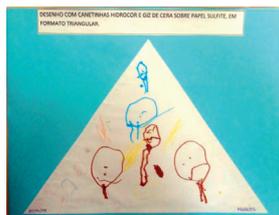


12/11/2014

Marcos (3 anos)



5/11/2014

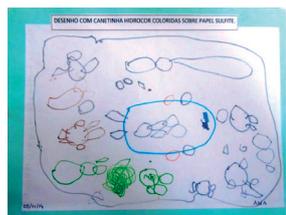


10/11/2014



12/11/2014

Ana Clara (3 anos)



5/11/2014



10/11/2014



12/11/2014

O movimento do desenho

Por Greta Fragata



Em ida ao CEI Jamir Dagir, acompanho a professora Cristiane em uma atividade de artes plásticas.

Ajudo a separar as mesas enquanto a professora agrupa as crianças. Ela dá a cada uma um papel craft A4 e, em pratos no centro das mesas, coloca giz de cera colorido.

As crianças exploraram o giz de diferentes maneiras em um jogo de cor e movimento: tem giz que dança de pé, giz que se espalha deitado, giz que vai na boca... giz sozinho, giz em pares criando contornos simétricos, com uma mão e com as duas, formando caracóis e ziguezagues... acompanhados pelo olhar intrigado do colega ao lado.

O lúdico pode ter espaço em todas as atividades escolares da educação infantil, pois é “brincando” que as crianças exploram o mundo ao seu redor, com o corpo todo, todos os sentidos entregues à experiência. Nesse jogo, elas descobrem possibilidades, descobrem a si e ao outro, sentem o resultado de suas ações e de seus movimentos.

Em atividades como artes, música e dança, as crianças nos mostram o quanto são espontâneas e criativas. Assim, criando um ambiente adequado para essa livre expressão, estaremos criando um ambiente adequado para seu desenvolvimento integral.

Um pouquinho de jogo simbólico com as crianças pequenas

Por Gislaine Koga

No início da tarde, a professora Val espalhou pela sala vários brinquedos. A criança Nicolle pegou um jacaré e veio ao meu encontro com o brinquedo dizendo:

- Olha, olha o meu jacaré...
 - Que lindo o seu jacaré. O que ele faz? — respondi.
 - Morde o dedo, coloca o dedo aqui. —disse Nicole, apontando para a boca do jacaré. Coloquei o dedo na boca do jacaré e ela disse:
 - Ai, ai, ai, ele mordeu o seu dedo.
 - E você viu? Ele mordeu o meu dedo, ai, ai.
- A Nicolle caiu em gargalhadas.
- Rafa veio com um porquinho em suas mãos e me disse:
- Olha o meu porquinho.
 - Estou vendo. — peguei o brinquedo e disse — Que bicho é esse?
 - É um porco.
 - Um porco? Parece um cachorro, não?
 - Não, não.
 - Como é que o porco faz? — perguntei.
 - Oi, oi, oi. — emitia o som e mexia a boca.
 - Acho que ele faz au-au. — retruquei.
 - Não. O au-au, faz o cachorro. — afirmando com a cabeça e gesticulando com a mão. — Olha aqui o cachorro. — dizia enquanto me mostrava outro brinquedo.

As mímicas faciais e gestuais possuem um papel importante na expressão de sentimentos em sua comunicação.

É importante que a criança dessa faixa etária conheça suas próprias capacidades expressivas e aprenda progressivamente a identificar as expressões dos outros, ampliando sua comunicação. Brincar de fazer caretas ou de imitar bichos propicia a descoberta das possibilidades expressiva de si própria e dos outros (RCNEI, vol. 3, p. 31).

Um cartão de Natal diferente

Por Catusca Borges Da Silva



No Natal de 2014, as crianças da turma da Val do CEI fizeram um cartão diferente para suas famílias. Como ao longo do semestre estávamos fazendo uma sequência de atividades de desenhos, resolvemos propor a produção de um cartão com suas garatujas. Explicamos a proposta para eles e disponibilizamos canetinhas, o cartão e os deixamos realizar suas produções. Depois fizemos as fotos deles com o gorro de natal para compor o verso do cartão. Segunda a professora, os pais ficaram muito surpresos e contentes com a produção, foi uma lembrança bastante significativa e muitos acabaram colocando em suas árvores para recordar esse momento especial.

Disputa pelo quê?

Por Paula Brito

Observei, na EMEI, uma interação das crianças que me chamou a atenção em especial. Aconteceu quando Breno e Gabriel, ambos com 5 anos, que haviam escolhido fazer a atividade do carrinho, entraram em conflito por causa de um carrinho que os dois queriam. Breno reclamou que Gabriel sempre ficava com o melhor carrinho e que não quis emprestar para ele brincar

um pouco. A mesa possuía muitos carrinhos legais, porém o brinquedo em questão era o único da marca *Hot wheels*, e o mais disputado por causa disso. Depois de alertá-los muitas vezes para pararem de brigar por um único carrinho, o professor pega o carrinho e o guarda com ele. Nesse momento, foi possível perceber o quanto o consumismo está presente na vida das crianças atualmente. As coisas que chamam a atenção não têm como característica a beleza ou as atividades que podem ser feitas com elas, mas a marca que carregam. É perceptível a influência que a mídia exerce no desenvolvimento das crianças. Essa necessariamente é uma importante questão para a Educação Infantil!

Um dos campos de experiências previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil diz sobre possibilitar vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidade no diálogo e reconhecimento da diversidade. Esse aspecto diz respeito ao apoio às crianças na construção de uma percepção do mundo que vai além da cultura de massa e do consumo, não?!

Dia da oficina abayomi

Por Evelyn Santos



Era um pouco antes do almoço quando cheguei com algumas bolsistas para ensinar as crianças a fazerem a boneca Abayomi. Todas elas ficaram muito curiosas ao ver as quatro bolsistas reunidas em um só dia para coordenar uma atividade. Enquanto as crianças saíam para o almoço, preparamos o espaço com os materiais para a realização da atividade. Quando as crianças retornaram, o espaço estava preparado e bem aconchegante. Em um primeiro momento, reunimos todas as crianças para contarmos a história e a origem da boneca.

Quando os negros vieram para o Brasil como escravos, as crianças choravam muito assus-

tadas, porque viam o desespero de suas famílias. As mães negras, então, para acalantar suas crianças, rasgavam tiras de pano de suas saias e faziam bonecas com elas para as crianças brincarem. Essas bonecas são chamadas de Abayomi.

Depois de contarmos a história, a sala estava dividida em quatro cantinhos, cada cantinho contava com uma bolsista, e cada bolsista estava acompanhada de um grupo de crianças.

Começamos a fazer a boneca, as crianças se envolveram muito. Resultado final: muitos sorrisos e orgulho por serem os próprios autores da sua produção!

Ensaizando a festa junina

Por **Rafaella Lizot**



O dia 4 de julho foi muito importante para as crianças de 4 a 5 anos da EMEI. A fotografia mostra sua alegria ao ensaiarem para a dança da festa junina. Todos queriam dançar, sabiam toda letra da música e cada passo.

A música e a dança no espaço da Educação Infantil representam muitas coisas, pois colocam a criança em desafio com seu próprio corpo.

Nesse dia, elas precisavam prestar atenção ao que estava sendo solicitado, pois na música existem vários comandos, como abaixar, levantar, dançar, cantar. Elas mostraram que conseguiam e sabiam

muito bem representar tudo isso. E foi lindo! Porque todos os professores fizeram uma roda e cantaram, dançaram juntos. O ambiente estava cheio de alegria e inspiração de todos os lados, e quando todas as partes estão unidas, tudo sai perfeito, em um clima muito gostoso e leve.

Crianças, um violão, músicas e um cd

Por Maria Janieire Maia Quintino

As crianças chegaram eufóricas à sala de aula. O motivo? Estavam gravando um CD com as músicas que aprenderam durante todo o semestre.

Pareciam intuir que a roda de conversa seria sobre as músicas que já tinham sido gravadas e aquelas que faltavam. O professor Gabriel disse que iriam gravar mais duas músicas naquele dia e, portanto, teriam que ensaiar.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

Foram ao parque e, quando voltaram, se mostraram prontos para o ensaio e a gravação. Giovanna adora música. Sabe todas as letras e está sempre à frente do professor na hora de cantar, ajudando os colegas quando estão meio perdidos. As músicas são sempre acompanhadas pelo professor e seu violão e criteriosamente selecionadas por ele. Hoje escolheram duas músicas para gravar: “O pneu do padre” e “Sereia”.

Os ensaios foram feitos para tentar uniformizar as vozes e corrigir possíveis erros. Isso porque o CD seria gravado, então o convite era para produzir bons registros. Enzo disse com um brilho no olhar que estava muito feliz, pois o CD seria apresentado no dia em que seus pais estariam na festa da escola.

Uma das crianças perguntou ao professor se não poderiam gravar a música “Borboletinha”, e o professor explicou-lhe que só gravariam as músicas que haviam aprendido em suas aulas, mas que ele poderia cantar a música que quisessem. A cada música gravada, o professor socializava com as crianças o resultado e estas riam e conversavam a respeito.

A música é uma linguagem que fala diretamente aos sentidos e, portanto, está intimamente ligada à percepção. Assim, o professor intervém de forma bastante assertiva quando oferece um repertório musical de qualidade e explora todas as potencialidades das crianças, num contexto de socialização e harmonia, demonstrando, respeito pelo desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças.

Recontando histórias

Por Laura Lisboa



No CEI Jamir Dagir, as crianças mais velhas, de 3 anos, têm uma rotina bem variada, com atividades diversas. Às quintas-feiras, a professora Cris sempre conta uma história interessante para elas. Nos meses de agosto e setembro, o tema que permeou as narrativas foi o folclore brasileiro.

Depois de a professora ter contado uma história para a turma, com apoio do livro, uma das crianças leu a história, à sua maneira, observando os desenhos do livro e interagindo com ele, para todos os colegas, que estavam sentados no chão, todos enfileirados na janela, voltados para as duas leitoras, a professora e a criança.

Atividades de reconto como essa podem ajudar a construir a autonomia das crianças “contadoras de histórias”, além de possibilitar outras formas de relacionamento das crianças com a história, como em alguns momentos de cantoria que aconteciam nessa contação.

Está na Diretriz Curricular!

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Reflexão com supervisora

Por Mirian Silva

A professora Cris pediu para que as crianças se sentassem no tapete, pois ela iria contar uma história. Elas ficaram animadas e ansiosas para saber do que se tratava. A educadora sentou numa cadeira pequena à frente do grupo e mostrou o livro *O que tem dentro da sua fralda?*, do autor e ilustrador Guido Van Genechten, e em seguida contou a história.

O entusiasmo foi tamanho que, depois da breve conversa entre as crianças e a professora, ela disponibilizou diversos livros para os pequenos explorarem e manusearem podendo ver as imagens e folheá-los com liberdade para escolher onde queriam sentar.

Ela me confessou que o importante era as crianças se sentirem à vontade para ver os livros. Elas podiam também trocar de livros com os colegas ou escolher outro em uma determinada prateleira.

A leitura em voz alta feita pela professora é, talvez, dentre as diversas atividades que observei no CEI, a que mais me chamou a atenção desde o primeiro dia em que fiquei com essa turma. Isso se deu, talvez, pela forma como a professora direciona esse momento e também a maneira como as crianças participam e interagem. Tudo isso me proporcionou a oportunidade de fazer relações com o que venho estudando na faculdade, em que aprendemos sobre a importância das crianças ouvirem histórias contadas em voz alta pelo professor, que empresta a sua voz para elas que ainda não podem ler sozinhas e assim garante o acesso à cultura através da beleza e da magia das palavras por meio dos adultos que atuam como mediadores entre a cultura escrita e as crianças.

Inclusão na Educação Infantil

Por Adriana Garcia

Muitos foram os fatores positivos para a minha aprendizagem e participação junto ao processo de formação promovido no âmbito do Pibid. Meu ingresso no programa se deu no início do ano letivo de 2014.

Uma das observações que mais me chamou atenção foi o processo de inclusão de uma criança com síndrome de Down. Segundo as professoras que acompanharam a criança Manoela, de 2 anos, quando a menina entrou no CEI, ela tinha o corpo molinho, não conseguia se manter sentada. Quando iniciei no Pibid, Manu, como

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas.

era chamada, já sentava e os movimentos das mãozinhas eram rápidos, normalmente pouco controlados e quase sempre em direção ao rosto das outras crianças que choravam porque sentiam dor ou pelo susto causado pelos gestos da Manu. Por esse e outros motivos, Manu sempre tinha alguém por perto, acompanhando-a. As outras crianças pareciam compreender as ações de Manu, mesmo nos momentos em que se comunicava de forma mais agressiva, e gostavam muito dela, muitas vezes a protegiam. Talvez já estivessem aprendendo um pouco a partir das ações dos adultos em relação aos cuidados com as especificidades de cada criança.



Numa fase posterior, mais para o meio do semestre, Manu começou com um comportamento de morder as crianças e as professoras, interpretado pelo grupo como demanda de atenção.

Ao mesmo tempo em que sua coordenação motora já permitia que virasse as páginas de um livro sozinha, adquiriu mais segurança ao engatinhar, levantar e fica em pé quando tinha apoio da parede e de objetos de sala. Manu começou então a ser estimulada a andar, e todas as vezes que as crianças circulavam pelos corredores em direção ao refeitório ou ao parque, Manu era sustentada pelas mãos de alguém, fazendo assim um andador humano. No início, demonstrou muita preguiça para trocar os passos, queria engatinhar, mas com insistência começou a gostar e até tropeçar quando via as crianças correndo e, desordenadamente, tentava correr.

Naquele semestre, a professora estava colocando em prática um projeto chamado Música e Movimento na Educação Infantil e todas as segundas-feiras, além da Roda de Leitura, que Manoela gostava muito para folhear livros, também havia o momento em que o som era ligado e as crianças dançavam livremente na sala.



Em um dia especial, tive o prazer de ver Manu sentindo vontade de estar na roda e dançar como as outras crianças. Ela levantou-se apoiada na parede e ensaiou três passinhos e caiu sentada. As professoras fingindo não ver para não reprimir a iniciativa, mantinham as crianças distraídas enquanto Manu levantava já sem o apoio das paredes e retomava confiante a posição de pé dobrando as perninhas e batendo palminhas para dançar como as outras crianças. Após adquirir um pouquinho mais de confiança, ela desinteressou da dança e começou a andar de um lado para o outro da sala, sorrindo satisfeita quando alcançava a parede e, nesse momento, as outras crianças se deram conta que Manu tinha finalmente aprendido a andar sozinha. Algumas gritavam ao ver, as professoras se emocionaram, todos na sala foram contagiados pela alegria e euforia de Manu que agora já se sentia capaz de caminhar sozinha.

Foi uma experiência única, e conclusiva de que a inclusão promove, sim, uma educação mais humana, capaz de favorecer a rica convivência e incentivar as crianças no seu desenvolvimento em vários aspectos, além de influenciar as outras crianças que acompanham esse processo de inclusão de uma forma respeitosa e carinhosa. Essa foi a melhor lição de vida e de profissão que aprendi na convivência com crianças e adultos no CEI!

Creches e pré-escolas também constituem microcosmos do nosso mundo físico e social. Crianças, desde o início da vida, observam o que acontece ao seu redor. Aos poucos, interagindo com adultos e com outras crianças, vão construindo outros recursos de observação e também elaborando significados para o que encontram em seu caminho. Em uma palavra, aprendem!

As crianças vendo a borboleta bonita e voadora

Por Thainná Isys Santana Rodrigues



Durante as brincadeiras no parque de grama, Lucas, achou uma borboleta parada no chão, chamou os alunos e todos pararam o que estavam fazendo para ver, formando um círculo desajeitado em torno dela. A borboleta era de tamanho médio, cor preta, com detalhes em amarelo e laranja em suas asas.

As crianças diziam: “Que bonita! Como é bonita!” Enquanto olhavam atentamente, Elis disse: “Eu acho que ela se esconde de predadores, por isso tem essas cores”. A borboleta não se mexia, e pensando que ela estaria com dificuldade para voar, o professor Gabriel pegou uma folha de papel para auxiliá-la. Então a borboleta preta saiu voando e as crianças se alegraram, levantaram correndo e gritando muito.

Ao voltar para a sala de aula, os alunos sentaram-se em roda para construir junto com o professor uma história sobre a borboleta preta. Todas contaram um pouco do que viram, e Elis disse, novamente, que acha que ela tem aquelas cores, preta, amarela e laranja, para se proteger dos predadores. Gabriel escreveu o que eles diziam, fazendo pequenas modificações, e a história ficou mais ou menos assim:

Título: As crianças vendo a borboleta bonita e voadora

“Lucas F. da sala da professora Lia achou a borboleta preta e todos foram ver. Os alunos se agacharam para não molhar a calça na grama. O professor Gabriel pegou uma folha para tentar fazê-la voar, ela voou e as crianças saíram correndo e gritando feitos loucos.”

Ao ouvir do professor como a história ficou, os alunos riram e comentavam o que foi contado, como a parte que diz “gritando feitos loucos”. A construção de um pequeno registro coletivo sobre um momento de descoberta vivido por eles aproxima-os das práticas sociais de leitura e de escrita e constitui mais um momento de trabalho/atividade em conjunto. Além de ser uma proposta diferente em que todos mostraram ter gostado do que fizeram juntos.

Relação delicada com a natureza

Por Bárbara Pádua Avena

Quem visita a EMEI Noêmia Ippólito, logo percebe a quantidade de área verde que contorna a escola. Os parques de brincar, as árvores de troncos largos e copas altas e também as flores colorindo todos esses espaços.

Em acompanhamento semanal, pude perceber que parte dos responsáveis por deixar tudo muito bonito e bem preservado são as próprias crianças, que cuidam da horta da escola, do Jardim Secreto, do borboletário e do minhocário. Desde a parte de plantar, como também regar e estar sempre de olho para que tudo fique bem.

Tive a oportunidade de acompanhar as crianças em uma dessas visitas ao Jardim Secreto. Ao chegarmos nele, cada criança correu para perto da flor que plantou para ver se estava tudo bem, se haviam ervas daninhas prejudicando o desenvolvimento da plantinha e se precisavam de um pouco mais de água. Todos estavam respeitando o limite da terra onde foram plantadas, olhavam para os próprios pés e os dos amigos para terem certeza de que não estariam pisando em nenhuma flor. E da forma como observavam curiosos e zelavam por aquele pequeno ser, pude compreender como foram apresentados a esta atividade, com muita delicadeza.

Nesse dia aprendi que aprender sobre a delicada relação entre as pessoas e a natureza é a base para ter uma relação com o mundo. Aprender isso na prática, dentro da escola de Educação Infantil, mostra a aprendizagem do cuidado se fazendo no presente das crianças e dos adultos e criando possibilidades para que essa sensibilidade permaneça para o resto da vida, em um equilíbrio entre o ser humano e o ambiente.



REFLEXÕES

Participam do Pibid/Instituto Vera Cruz

ALEHANDRA MACHADO PINEL
BARBARA PÁDUA AVENA
CATIUSCA BORGES DA SILVA
ERICA DE OLIVEIRA PONTES
EVELY DOS SANTOS SOUZA
GISLAINE FERREIRA KOGA
GRETA MARIGO FRAGATA
JULIANA FIRMINA GONCALVES
LAURA MOREIRA LISBOA
LETICIA MARIA BATISTA DA SILVA
MANOELA FERREIRA LEITE RIBEIRO DE LIMA
MARINA STEFANELLI DE AGUIAR E SILVA
MAURA BARBOSA DA SILVA
MIRIAN MARIA DA SILVA CAVALCANTE
NATALY ELIAS DE ALMEIDA
PAULA EVELIN DOS SANTOS BRITO
RAFAELLA RAGGHIANTE LIZOT
ROGÉRIO PALMEIRA DA SILVA
THAINNA ISYS SANTANA RODRIGUES

Egressos Do Pibid

ADRIANA SAES GARCIA
ALINE NUNES MOLLER
DIANA ALVES CAVALCANTE RANGEL
MARIA ESTER DUARTE PEDROSA RECHI
MARIA JANIEIRE MAIA QUINTINO KUPPER
MICHELLE JESUS SARTORI DO PRADO
MULLER ARAÚJO DE OLIVEIRA
ROSANA CECILIA DE LIMA
SAMAIA CAVALCANTE DE SOUZA
TALITA SANTANA DA SILVA

Supervisores

CRISTIANE REGINA DOLOVETIS
GABRIEL VICENTE FRANCA
VALDECI REIS FERREIRA DE ARAÚJO

Egressos do Pibid

DANIELA MATHIAS PEREIRA DOS SANTOS
JEOVANIA DA SILVA NASCIMENTO
TATIANE POVOA

Coordenadora Institucional

MARISA VASCONCELOS FERREIRA

Unidades de Educação Infantil parceiras

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL JAMIR DAGIR
ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL
NOÊMIA IPPÓLITO

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil resolvem em seu artigo 9º que:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaciais temporais;

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Parágrafo único - As creches e pré-escolas, na elaboração da proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, estabelecerão modos de integração dessas experiências.

RESOLUÇÃO CEB/CNE Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009

